ANO 9.º — Sexta-feira, 15 de Setembro de 1916 — (AVENÇA) — NUMERO 439

# O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR E EDITOR
Arnaldo Ribeiro
—(•)—
PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luiz de Camões—**Aveiro**

*Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54*

## Argolado

### Um episodio de 1870

A 16 de agosto do *ano terrivel*, os exercitos adversarios encontravam-se frente a frente nas alturas de Saint Privat e os francêses eram mais uma vez batidos nessa desgraçada campanha que o seu espirito irreflectido desventuradamente provocou.

A cavalaria francêsa estava formada na planicie de Doncourt. Eram oito regimentos, brilhantes de metais e de coloridos uniformes, que assistiam enervados e inquietos ao desenrolar da batalha, esperando o momento oportuno de intervir na sangrenta luta quê foi quasi uma vitória dos francêses, mas que pela sua falta de preparação para essa inolvidavel campanha, eles deixaram fugir para o campo inimigo.

A' esquerda de Bruville vêem tomar posição algumas baterias alemãs, procurando atacar de flanco o exercito francês.

Um regimento de caçadores a cavalo de Africa, carrega as baterias, que retiram precipitadamente abandonando a posição aos francêses e deixando a descoberto as intenções dos alemães:

Na rectaguarda, tres divisões de cavalaria esperavam tambem, como do lado dos francêses, a ordem de caír sobre o flanco e rectaguarda do inimigo, para o aniquilar de um só golpe.

Toda a cavalaria francêsa recebe ordem de ocupar a posição e atacar á arma branca a cavalaria prussiana.

Sente-se que um frémito de entusiasmo passa por sobre os esquadrões francêses, anciosos por saírem da situação de meros espectadores da formidavel batalha.

Na frente um regimento de hussares em coluna de esquadrões, e á testa, o coronel que, erguendo-se sobre os estribos, e levantando a espada, como a apontar o céu, ultimo refugio de esperanças e de sonhos, de tantos milhares de bravos que a sua voz ia lançar numa carga da morte, onde tantos dormiriam o ultimo sono, comandou:

— Esquadrões!... Para carregar... Em guarda... Ao galope...

E como uma avalanche, saltando sébes e valados, o regimento de hussares parte, e a seguir, espadas na mão rebrilhando ao sol em lampejos de prata como numa aureóla enorme que cobrisse toda a massa de cavalos e cavaleiros, os oito regimentos francêses, despenham-se pela planicie em ondas, em vagas, vagas de um mar de homens que vão chocar-se como as vagas do oceano batendo, nas tempestades as penedias das costas, que vão despedaçar-se mutuamente como dois navios que o mar atirou um contra o outro, que vão esmagar-se como locomotivas que se chocam em plena velocidade, como féras que se rasgam as carnes, que se esfacelam os membros... sem saberem por quê.

Rapidamente o espaço entre as duas cavalarias vai-se encurtando.

A alemã avança tambem, mas, como para mostrar a sua superioridade, a confiança na sua força, avança a passo!

A distancia encurta-se, ouvem-se as vozes de carregar, dum lado e de outro, os clarins tocam á carga e entre hurrahs, incitações, gritos e ordens, as duas massas batem-se, chocam-se, esmagam-se, penetram-se, abrem-se mutuamente brechas profundas a golpes de sabre ou tiros de revolver, e momentos depois amalgamadas, misturadas, atacam-se em fracções, em grupos, em combates singulares onde *só* se ouvem os relinchos dos cavalos feridos, as espadas batendo nas espadas, os gritos dos chefes misturando-se com os gritos dos moribundos, numa visão infernal que a pena é impotente para descrever.

Durante horas, setenta esquadrões bateram-se, esfarraparam-se, reconstituiram-se, para tornar a atacar-se; lutaram sobre montões de cadaveres de homens e de cavalos, até que por fim a cavalaria alemã cedeu ante a valentia da cavalaria francêsa, abandonando-lhe o terreno da luta, esmagada, derrotada, aniquilada.

Dão-se as ultimas cargas de perseguição e na rectaguarda toca a reunir.

* *

Frente á rectaguarda os esquadrões francêses galopam para o local da concentração e muito para traz, sobre o seu cavalo a trote, um oficial cambaleia; o rosto ensanguentado, os braços caídos, as rédeas soltas.

Outros oficiais correm para ele. Era tarde. O desventurado desiquilibra-se, inclina-se para a frente, resvala do selim, e cái.

Na quéda o pé esquerdo entrára pelo estribo e o desgraçado, preso pela espora, ficára pendurado do lóro da sua montada.

Sentindo o estranho peso, o cavalo, espantado, larga a galope por sobre os escombros do campo da batalha, arrastando o misero que se despedaça pelo chão. Os camaradas galopando ao lado do cavalo desbocado, seguram-no por fim, erguem o oficial que respira ainda, banham-lhe o rosto com água dos seus proprios cantis, estendem-no no chão e de joelhos amparam-lhe a cabeça com os braços.

Ergue-se-lhe o arcaboiço em ancias de ar, abre dificilmente os olhos embaciados, aperta na mão esquerda a mão do oficial que lha segurava, consegue levar a mão direita ao lado esquerdo da farda e num ultimo esforço, quasi sem vida, imperceptivelmente, as palavras a apagarem-se nos labios, diz ainda:

— Sou casado... tenho dois filhos... na carteira uma carta para minha mulher... por favor... mande... lh...

Não póde mais, moveu ainda os labios, inclinou vagarosamente a cabeça e ficou imovel.

Estava morto.

**Humberto Beça**
Da Junta Patriotica do Norte

## Beja da Silva

Depois de ter passado alguns dias na Costa Nova do Prado, com o director deste jornal, que muito se honra com a sua amisade pessoal, retirou para Lisboa no domingo pretérito o sr. Antonio Maria Beja da Silva, distinto funcionario da Republica.

**Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.**

**O DEMOCRATA**

Vende-se em Aveiro no kiosque de *Valeriano*, Praça Luís Cipriano.

## Films...

### Adesivos

Passagem dum discurso do deputado independente, dr. Alfredo de Magalhães:

«Quem compromete a chamada União Sagrada? Não somos, evidentemente, nós, os velhos republicanos, hoje dispostos a toda a especie de sacrificios, como poucos—e esse foi o segredo da nossa força durante dezenas de anos de adversidade contra a monarquia—mas, sim, **a escumalha sem nome, o que havia de peior e mais despresivel no campo monarquico que para nós veio, não para satisfazer um ideal que nunca sonharam, mas para abarrotarem o ventre.**»

O nosso colégа *Vida Nova*, de Viana do Castelo, depois de concordar acrescenta *que são justamente aqueles que nunca se sacrificaram pela Repnblica os qne hoje vêmos, por toda a parte, belamente colocados, enchendo regaladamente o papo e rindo-se cinicamente dos que trabalharam outr'ora... para eles!...*

Com efeito assim é. Evidenciam-no muitos factos avolumados e até, alguns, com registo retumbante nas colunas do *Democrata*.

### A liquidação

Telegramas do Rio de Janeiro anunciam que vai ser dissolvida a Liga D. Manuel II em virtude de um dos directores se achar pouco resolvido a acompanhar até ao fim os que pretendem ainda a restauração monarquica em Portugal.

Por outras palavras quer isto dizer que vai fechar-se o cofre aos que viviam de ser conspiradores.

E agora?

### Pontos nos ii

Lê-se no *Mundo* de domingo:

«Os membros da patrulha do Calhariz teem feito grande escarcéu com o facto de terem transferido o seu chefe do campo entrincheirado para o hospital da Estrela. Afinal, o caso é muito simples. O logar por ele ocupado no campo entrincheirado é de chefe de serviço, a que corresponde um major medico. Como o chefe unionista ainda não é major, saíu de onde se encontrava indevidamente. Ainda nem assim compreenderão que foi uma transferencia legal?

Nós, apezar de não termos ligações algumas com o Calhariz, compreendemos. Mas, diabo... A situação do *ilustre comandante da divisão naval*, sr. Leote do Rego, tambem parece que não é lá muito legal e contudo o *Mundo*...

Se não haviamos de perceber...

### Isto admite-se?

Um nosso amigo, que esteve em Africa, recebeu esta semana uma carta, vinda de Angola, e na qual lhe dava conta a pessoa, que a escreveu, do envio de alguns sêlos do correio para colecções.

Essa carta, porêm, não obstante ter sido aberta pela censura, chegou; mas a respeito dos sêlos é que nem ao menos a amostra deles tão cuidadosos foram os censores em interceptar esse *terrivel*... contrabando de guerra.

Que dizem sobre o extranho caso os poderes constituidos? Póde isto admitir-se?

### Alarmante

*Um padre* escreveu ao *Mundo* para lhe comunicar que em virtude de ter sido sofismada a lei estão saindo dos seminarios enormes fornadas de presbiteros sem as habilitações que ela impõe, calculando o mesmo eclesiastico que se hoje existem 15:000 colégas seus dentro de cinco anos esse numero terá subido a 30:000!

Realmente é para alarmar. Por todas as razões e ainda mais uma: com tanto cura de almas vão-se as esperanças de um dia nos vêrmos livres de semelhante praga.

## POR CAUSA DUM EMPREGO

### REPLICANDO

O *bada... méco*, que espontaneamente aceitou a classificação que nos mereceu e por ela se deu por achado e reconhecido, convidado a mostrar a cara, a faca e a mão com que feriu traiçoeira e indignamente uma colectividade, tentando uma resposta á nossa intimativa, de novo mete as mãos pelos pés e acintosamente alude a factos que tão bem conhece, como nós, nas suas inalteraveis linhas de verdade. E para nos atingir directa e... *eficazmente*, adultéra a seu modo, escrevendo com consciencia palavras que são a antitese completa da rigorosa realidade dos factos. Na parte, porêm, que nos diz respeito, não merece a referencia mais dispendio de linhas nem o caso mais desenvolvida explanação. Ele é do dominio e do conhecimento de todos quantos oportunamente foram inteirados das razões que o antecederam e seguiram na sua mais pura e lidima verdade. Basta-nos isso.

Quanto ao segundo ponto, não atacamos nem ferimos nenhum cidadão, por aqui dizermos e provarmos que ele não está nos casos de competir—por principio nenhum—com outro cidadão que já no desempenho dum logar, no qual está legalissimamente, se pretende agora esbulhar empregando toda a chicana desavergonhada e vil, que foi sempre o eterno apanágio do padrinho e da familia... amiga.

Não discutimos o direito só por si de qualquer concorrer a todos os logares para os quais se julgue apto e habilitado. Protestamos contra os processos empregados para atingir-se o que, no caso presente, não póde ser tolerado.

Convidado quando da creação da Junta Geral a ir organisar o serviço da respectiva secretaría, o sr. Francisco da Encarnação recusou terminantemente o convite, não sabemos se por incapacidade espontaneamente reconhecida para arcar com essa tarefa, se por estar em perspectiva qualquer outro premio aos seus *valiosos* merecimentos. Assim, foi chamado aquele que, pela sua situação e pelos seus dedicados serviços ás instituições, estava bem no caso e não menos melhor merecia a escolha feita. Organisado o serviço e conhecido todo esse trabalho moroso e complicado, do qual o sr. Encarnação não se quiz incumbir, apesar de todas as suas habilitações que só agora o colocam na contingencia de o... continuar, pela mão do bom padrinho, temos que o mesmo cavalheiro, não sabemos se por desfeita a qualquer outra aspiração, se por lhe parecer naquela altura uma realidade a existencia do logar—secretário da Junta Geral do distrito—aparece a disputar essa nomeação, como de direito, diz ele, e não sabemos se mais alguma coisa.

Indeferida a pretenção, recorreu, mas sobrevem a disposição da lei que determina serem classificados como definitivamente possuidores dos seus logares todos os funcionarios que ha mais de seis mezes os exercessem.

O sr. Paulo Guimarães ficou assim na posse definitiva do seu cargo, apesar das ampliações do sr. Barbosa de Magalhães, alterando as primitivas disposições do diploma prestes a saír.

Mas chega o momento da nomeação definitiva pela Junta Geral e de novo aparece o sr. Encarnação a *aperpincuar-se* para o logar, com um arrazoado da lavra do protector e a presença sinistra do ajudante dos grandes e historicos acontecimentos desde as infamias cuspidas sobre a figura nobre e alevantada de José Estevam, até á proeza agora na téla da discussão, intermediadas com as irmãs da caridade, o assalto ao montepio, a Imaculada, etc., etc., etc. Emfim, a vida dos grandes heroes.

O que se passou todos o sabem —a Junta Geral, excepção dum voto, aprovou unanimemente a nomeação justissima do cidadão que por todos os titulos tinha e tem a ela incontestavel direito. Porque está legalmente no desempenho desse logar desde o seu inicio; porque o satisfaz cabalmente; porque além de corresponder a todas as prescripções da lei para a sua admissão apresentou documentos comprovativos de ter feito o curso geral dos liceus, exames de filosofia, latinidade, literatura, introdução nos mesmos liceus, isto independente do curso de teologia—tres anos—exigido para a sua carreira eclesiastica. O competidor tem apenas como habilitação literaria o seu examesinho de instrução primaria, excepção feita ainda ao abismo, sob o ponto de vista de intelectualidade, que os separa. Surge depois toda essa vergonha empregada no processo com que se pretende, á viva força, roubar o direito ao pão que o sr. Paulo Guimarães incontestavelmente tem, para ir juntar esses proventos aos que vem reunindo dos cinco logares que o sr. Encarnação republicana e *desinteressadamente* desempenha, recebendo por eles a *insignificantissima* totalidade de 981 escudos anuaes!!!

E' contra isto que protestâmos como certamente protestaria o *bada... méco* se fosse outro, mais republicano e menos comedor. E' contra os processos empregados e as habilidades presumçosas que nos revoltâmos. Nada mais. E posto isto, diz o *bada... méco* que sabe onde nos dóe. Talvez não saiba, mas nós dizemo-lo. Dóe-nos, onde se costuma reflectir a dôr ao vermos... até onde descem quantos reputávamos incapazes de tanta subserviencia e de tanta facilidade em abraçar aquilo e aqueles que ha bem pouco tempo ainda consideravam e classificavam de perigosos e indignos.

Isso é que nos dóe e... não é pouco, palavra de honra!

## CARTA

—(•)—

...Sr. Redactor de *O Democrata*

Por especial fineza, um cantinho do seu periodico para lhe perguntar se é certo, como consta, ter ha tempos saído do Museu Regional de Aveiro um frontal, que pertenceu ao convento das Carme-

litas, sendo vendido por dezoito escudos a uma irmandade de Vilar, suburbios desta cidade.

E tambem uns ricos panos de damasco branco, que figuravam na capela-mór do convento de Jesus em todas as festividades de Santa Joana Princeza, os quaes, segundo tambem consta, foram parar á posse de uma irmandade da freguezia da Vera-Cruz, desta cidade, a troco duns miseros trinta escudos.

Muitos objectos de valor, diz-se, que andam dessiminados por varias terras do distrito, impingidos ao desbarato e por dez reis de mel coado, sem que se saiba onde é depositado o produto de taes vendas. E tudo isso saído do Museu, que certamente os recolheu no grato intuito de os expôr ao publico curioso e apaixonado, pois que marcam uma época ou denunciam uma caracteristica de valor artistico.

Sería um alto serviço que V. prestava a quem se interessa por estas coisas, que, pelo menos, falam de tempos remotos e mesmo (o que é, sobretudo, importante) para que alguns mal intencionados não vão atribuir responsabilidades ao sr. Marques Gomes ou ao sr. José de Pinho, respectivamente director e conservador do referido Museu.

Creio que ao sr. governador civil caberia a tarefa de mandar averiguar se sim ou não existe alguma veracidade no que por aí se boqueja, já sem rebuço. Ou será á ilustre comissão, directora do Museu, que cumpre essa missão, arredando suspeitas malevolas, entravando linguas maldizentes, para só apresentar a verdade nua e nua, afim de que mais se não diga que o Museu Regional de Aveiro se converteu numa mina inexaurivel de proveitos pouco licitos?

E', sr. redactor, um relevante favor, que todos os aveirenses, que, acima de tudo, presam o bom nome da sua terra, incluindo os srs. Marques Gomes e José de Pinho, lhe saberão agradecer bem reconhecidos.

De V.
muito obrigado

Aveiro, 13—9—1916.

L. E. R.

E' sem duvida nenhuma gráve, muito gráve mesmo quanto nessa carta se diz, tornando-se absolutamente indispensavel que por todos os motivos se iniciem sem demora as necessarias averiguações afim de se apurar a quem cabe a responsabilidade na venda dos objectos referidos, ou por deliberação de quem ela se efectuou.

Ha vários empregados no Museu e tambem a comissão directora do mesmo á qual por certo cumpre imediatas providencias, por honra dos seus membros, que colectiva e individualmente desejarão colocar-se ao abrigo de quaesquer suspeitas, tal qualmente acontecerá com as autoridades a quem cabe a sua intervenção no apuramento da verdade assim como na exigencia de responsabilidades se as houver.

Não é sómente agora que temos ouvido referencias aos factos apontados na carta e a muitos a que ela não alude, como a existencia de duas imagens que eram pretenças do convento de Jesus na capela da S. da Encarnação, na Gafanha, etc., etc., mas ainda á irregularidade como se procede com o produto das entradas no Museu, que um guarda arrecada como premio do seu serviço, sendo certo que são pagos mensalmente 25 escudos para o dispendio com esse e outros julgados indispensaveis.

Mais nos informam que o inventario dos objectos ali existentes está incompleto e feito tão laconicamente que dá margem a que se troquem e substituam objectos de ouro e prata por outros sem valôr, pois na respectiva inscrição não está designada a especie a que eles pertencem.

Mas o que, porêm, neste momento se pretende saber, devendo quem compete proceder, por honra de todos, ás averiguações indispensaveis, é se tem saído do Museu os objectos apontados e quem é o responsavel por taes factos.

Por honra de todos, repetimos.

## Moedas de prata

A folha oficial publicou esta semana um decreto determinando que deixem de ter curso legal, desde 1 de janeiro de 1917, em relação ao continente, e de 1 de abril do mesmo ano, em relação ás ilhas adjacentes, as moedas de 500 reis do reinado de D. Pedro V, devendo efectuar-se a respectiva troca na séde do Banco de Portugal e nas suas delegações distritais, bem como nas tesourarias da fazenda publica dos concelhos, por notas do aludido Banco, e os minimos abaixo de 2$50 por outras moedas do prata.

Aviso aos interessados.

## PELA IMPRENSA

Recebemos os primeiros numeros do *Portugal Moderno*, folha do Rio de Janeiro agora transformada, mercê dos mil esforços para esse fim empregados pelo seu fundador e director, sr. Luciano Fataça, em orgão diário da colonia portuguêsa.

A edição inicial é de 24 paginas, belamente colaboradas, o que nos incita a dirigir ao brilhante colega as saudações a que tem jus, fazendo votos pelas suas crescentes prosperidades.

## LA'... COMO CA'...

—=(*)=—

Duma correspondencia de Coimbra enviada em data de 8 para um jornal portuense:

Em sessão camararia de ontem o vereador sr. Adriano da Cunha Lucas fez o relatorio, verbal, dos trabalhos que pela camara foi incumbido de efectuar em Lisboa para a realisação agora, com a Companhia do Credito Predial, do emprestimo de 60 contos, que completa o de 160 ha tempo autorisado superiormente e do qual foram já contratados 100 com a Caixa Geral dos Depositos.

Seguidamente á exposição desses trabalhos, o sr. Lucas fez ainda uma larga referencia á situação das finanças municipaes, esclarecendo que é bem dificil, para terminar com a consideração de que urge, é mesmo de extrema necessidade realisar o maior numero possivel de economias, indo mesmo, se tanto fôr preciso, até á dispensa de pessoal de que, ao menos, transitoriamente, possa prescindir-se.

A camara aprovou ao fim um voto de louvor ao sr. Lucas pela fórma como conduziu os trabalhos para a realisação do emprestimo referido e que foi contratar.

E' pôr aqui os olhos. E se alguma diferença notarem, digna de registo, entre o que por cá se passa e os trabalhos da vereação de Coimbra relativos ao progresso, sempre crescente, da formosa cidade, pedimos que não nos condenem porque nenhuma culpa temos de nem toda a gente lêr pela mesma cartilha...

## Subsistencias

Baixou o preço do açucar nos estabelecimentos, mas em compensação subiu o das batatas sem falar já nos ovos, que não se adquirem a menos de 30 centavos a duzia. Por este caminhar e pelas oscilações que se notam nos produtos das ultimas colheitas, cuja abundancia não póde ser contestada, é de presumir que se não houver quem ponha um travão aos desmandos dos que não atendem senão aos seus desmedidos interesses, a fome, no inverno, hade penetrar em muitos lares, tantos são os sacrificios a que nos vêmos obrigados, sem defêsa, e tanta é a miseria, provocada por a situação anormal que se atravessa, na classe trabalhadora onde o minguado salario por si só é o bastante para condenar a esse terrivel flagelo.

Quem acóde, quem acóde ás aflições dum povo na espectativa de não ter que comer por falta de recursos?

## NECROLOGÍA

Deixou de existir nesta cidade um individuo que foi em tempos continuo do Ginásio e que se fez conspirador contra as instituições vigentes, chegando a estar preso com outros cavalheiros desta cidade no antigo convento de Jesus.

Chamava-se Manuel de Oliveira, e baixou á sepultura sem que um companheiro, ao menos, dos que lhe exploraram os serviços até ali o fosse acompanhar.

Que descance em paz.

## Concurso de tiro

—=*=—

Do dia 20 do corrente a 5 de Outubro proximo deve realisar-se na Carreira de Tiro da guarnição de Lisboa, em Pedrouços, o grande concurso nacional de tiro, que certamente, como o documentam os concursos anteriores, deverá atingir este ano um notavel explendor, se pensarmos que, de momento a momento, vão avolumando as necessidades inadiaveis da preparação da defêsa nacional.

O país precisa de todas as energias dispersas, de todas as suas forças vivas absorvidas no funcionalismo civil. A ideia da defêsa da Patria, chama por todos os cidadãos que, num dado momento pódem, conscientes do valôr proprio, transformar-se em excelentes soldados, acudindo voluntaria e nobremente a adestrar-se no manejo das armas e no exercicio de tiro. Os exercitos são apenas a guarda avançada da defêsa das nações. No povo está a grande massa defensiva, a colossal resistencia de opinião e de facto, o apoio basilar da sua acção da vanguarda. Mas para que assim seja, como deve ser, é preciso que se determine a coesão dessa enorme massa defensiva e se disciplinem essas energias, adestrando-se individualmente e adquirindo uma acção segura e consciente que as permita enfileirar com utilidade nas linhas de combate.

Uma das garantias da independencia e da integridade de um país é a pratica do tiro de guerra, talvez a que melhor corresponda á solução do problema nacional. Pratica-lo é ser patriota; propagar tal ideia, dentro da esféra da influencia pessoal, é se-lo duplamente. Assim o rogâmos a todos os que nos lêrem.

Os prémios a distribuir aos atiradores são valiosissimos, tendo passagem gratuita nas linhas, do Estado os que da provincia se inscreverem. No programa existem provas para todas as classes, incluindo para pessoas que nunca se inscreveram e até para senhoras e creanças que desejem exercitar-se no tiro ao alvo.

## Notas mundanas

*Acompanhado de sua gentil esposa tivemos o prazer de abraçar no domingo nesta cidade, o nosso amigo e conterraneo, sr. dr. Antonio do Nascimento Leitão, que, de visita aos seus, aqui esteve de passagem para o norte.*

*E' esperado na metropole, vindo de Lourenço Marques, o sr. Manuel Rodrigues Vieira.*

*Com licença, chegou á sua casa de Celorico de Basto, o governador civil de Ponta Delgada e nosso apreciavel amigo, sr. dr. Antonio Rodrigues Salgado, a quem cumprimentâmos.*

*Para o sr. Humberto Mario da Silva Luz foi, por seu pae, pedida em casamento no ultimo domingo, a sr.ª D. Maria do Céo Ferreira, gentil e prendada sobrinha do arcipreste, revd.º Manuel Ferreira Pinto de Souza.*

*O enlace deve realizar-se brevemente.*

*Está na Barra a passar a estação calmosa, o nosso conterraneo, sr. Vasco Soares.*

*Na Costa Nova acha-se tambem desde o principio da semana, o sr. Julio Diniz.*

*Abraçámos nesta cidade onde esteve de passagem para Leiria, o tenente sr. Brochado Brandão, que já pertenceu á guarnição de Aveiro.*

## Colégio de N. S. da Conceição

Noutro logar publicâmos o anúncio dêste conceituado e antigo estabelecimento para educação e instrução de meninas, que se recomenda pelos óptimos resultados ainda êste ano obtidos pelas alunas submetidas a exames oficiais, o que traduz, à luz da evidência, a superioridade de processos pedagógicos postos em prática pelo corpo docente desta acreditadíssima casa.

Para o anúncio chamâmos, pois, a atenção dos nossos leitores.

## TOUROS NA GRANJA

Promovida por um grupo de aficionados pertencente á *élite* daquela praia, tem logar depois de ámanhã, numa praça de madeira recentemente construída, a corrida de inauguração, que se espera seja concorridissima apezar do preço elsvado dos bilhetes.

O produto liquido destina-se, ao que nos consta, a auxiliar a construção de uma elegante praça de pedra e cal.

## Assalto ás capoeiras

De todos os lados se ouvem queixas contra o desafôro que aí vai sem que a policia lhe ponha côbro. Agora são as capoeiras, não tardando talvez muito que os ratoneiros estendam o seu raio de acção caso continue a subsistir a mesma indiferença da autoridade por tudo quanto seja meter na ordem quem anda fóra dela.

Ao nosso amigo Julio Diniz roubaram, logo após a sua partida para a praia, não uma galinha ou duas, mas todas as que tinha deixado e uma grande quantidade de coelhos, o mesmo acontecendo a outros que não quizeram ou não puderam mobilisar, a tempo, esse exercito que constitue a reserva das bôas donas de casa. E' de mais. E mal vai aos habitantes de Aveiro e seus arredores se a policia não der acordo de si, procurando os autoros destas e doutras proêsas semelhantes para lhes aplicar o devido correctivo.

Mal vai.

**O Democrata**, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio.

## Cartas intimas

—=*=—

*Minha querida*

Egoista com a ventura que te acaba de envolver no seu manto de felicidade, nem te lembras de quem, embora distante, déla partilha intima e afectuosamente, e alegre, muito alegre mesmo, se apressa a vir junto de ti, beijar-te, abraçar-te numa efusão de terna amizade nunca desmentida, já mais igualada.

Sei que um coração nobre e generoso, se rendeu aos teus encantos e que a mão honrada dum homem para ti se estende—leal, sincera, comovedoramente. Surpreender-te-á o conhecimento que tenho do caso e contudo nada tem de extraordinario se te disser que a essa mesma mão devo o aviso da bôa nova transmitido nas palavras mais sinceras e leais, mais verdadeiras e firmes que tenho lido. Foi o proprio teu primo que, menos egoista do que tu, sabendo quanto te estimo, quanto te estremeço, se apressou a dizer-me da sua paixão que ele tão simples, mas tão impressionantemente, me relata numas cartas a que eu respondi e que por certo a esta hora deverás ter lido. O teu scéticismo por certo sucumbiu sem uma tentativa, sequer, de resistencia ao verdadeiro ardor e á sinceridade indiscutivel que anima teu primo, que se rendeu, não a um momentaneo impulso de paixão romantica e perigosa, mas ao demorado e cuidadoso estudo das tuas qualidades, graça e sentimentos. E' quanto ele me diz em frase ligeira e simples, que todavia compreendemos repleta de sinceridade, de convicção e firmeza. Apéla para mim, para que lhe diga, com a franqueza do meu feitio, quanto penso sobre a orientação que ele pretende imprimir á sua vida, se por tua vez, deixando caír essa mascara de frio indiferentismo que ha muito e sem razão afiveláste á tua pessoa, ouvisses as suas palavras e te deixasses cingir num amplexo de inapagavel ternura, como o primeiro sinál duma constancia eterna na vida que os dois encetarão pela existencia fóra. Aplaudi, do coração, as suas intenções. Tão bem como eu conheces teu primo e sobre o seu caracter e sentimentos, ouviste muitas vezes a minha opinião sincera, desinteressadamente feita, não obedecendo mais do que ao meu verdadeiro sentir. Dela em nada tem desmerecido, antes pelo contrario. A sagacidade do teu espirito e o prolongado contacto que os laços de familia tem permitido entre os dois, terão arreigado, sem duvida, no teu coração a verdade de quanto aqui consigno.

A impressão da sua alegria, a grandeza da sua satisfação levou-o a dizer-me, num requinte de gentileza e de afecto, que desejaria a escolha da mesma hora para a consumação do acto que nos ligaria para sempre á posse dos entes queridos! Sensibilisou-me a ideia e não minto dizendo-te que lagrimas de comoção me caíram dos olhos, não só pelo alvoroço que ela me trouxe, mas ainda pelo consolo afavel e feliz que a prespectiva da existencia da minha querida amiga acordou no meu espirito.

Ao traçar estas linhas estou bem certa que estará decidida a situação que para ti não póde ser mais feliz, a qual certamente terás aceitado como prémio de todas as tuas virtudes e até recompensa de alguma tortura que a tua alma sofresse. Assim, achado está o segredo das vossas vidas, consubstanciado numa angelica e sagrada unidade— o amor. O amor participa da alma; é um fóco que temos dentro em nós, imortal e infinito, que não póde ser limitado nem extincto.

Nunca me afastei desta teoria, que tantas vezes combateste, mas que, por certo, terás a esta hora reconhecido o erro. Delibéra livre, inteiramente livre e eu aguardo a hora feliz em que te possa ouvir dizer: O' dias fulgidos e abençoados, vividos do sol da nossa ventura! Convenço-me que de longe a longe cáem do céo algumas par-

ticulas do viver dos anjos, que vem entremisturar-se no destino dos que vivem na terra. O amor é a plenitude da humanidade, como Deus é a plenitude do Céo!

Aguardo, anciosa, a leitura da tua resposta, que antevejo plenamente concorde com os meus desejos pelas tuas venturas.

Falando tanto em amor, deixa que te diga que assisti no nosso teatro ao desempenho do drama *Pedro, o cruel*, cujo tema é a grandeza incomensuravel dessa afeição que arrasta, transforma, subjuga e enlouquece um homem, levando até ao cumulo, sob o aspecto de nobreza e de maldade, a sua acção de desespero e de afecto! Que explendida obra, que fulgurante trabalho de poeta, na qual é com tanto brilho compendiado toda aquela odisseia de amor, de profunda magoa e de despotico e crudelissimo desespero que a historia regista e que o nosso épico cantára já nas paginas imorredouras dos *Lusiadas*, dizendo dela:

*Aos montes ensinando e ás ervinhas*
*O nome que no peito escrito tinhas.*

Correspondendo á intensa beleza da produção literaria, a magnifica interpretação no desempenho, que domina e conquista o publico, que compreende, identificando-o por completo com o autor, que tão bem imprime e traduz o amor intensissimo, a paixão devoradora do protogonista, a sua dôr formidavelmente esmagadora, o desespero pavoroso que traduz na furia inegualavel das suas palavras, e na largueza ameaçadora dos seus gestos.

No primeiro acto, minha amiga, quando Pedro recebe a nova do assassinato de Inês de Castro, surpreende-nos a grandeza da sua dôr, que ele, numa furia doida de desespero e de cólera, traduz assim:

*Nem amor, nem vingança existirá egual:*
*Não ficará de pé uma igreja, um casal,*
*Nem choupana onde alguem possa encontrar guarida.*
*Ela morreu! ninguem tem o direito á vida!*

No segundo acto a chegada dos assassinos da desventurada.

Oh! querida amiga! Aquele homem, aquele coração transforma-se e apresenta-se na nudez cruel da besta-féra, rancorosa, sedenta de justificada vingança sem limites. Tem gestos, diabolicos sorrisos, arquejos aterradores; lança-se sobre os miseraveis e, no chão, estendido sobre eles, tateia-os de olhos faiscantes, dedos crispados num prazer doido, infernal, satânico. E' pavoroso!

Cospe-os em vida e morde-lhes depois os corações! E enquanto a fogueira consome os cadaveres dos assassinos da indefeza Inês, Pedro come e bebe exclamando:

*Rasgou-se da minh'alma o denso e negro veu!*
*A minha pobre Inês deve sorrir no Ceu!*

O terceiro acto—o beija-pé

*Da que depois de morta foi rainha!*

Pedro, enaltece-lhe a graça e a formosura e aos seus pés, aos pés da linda Inês, ordena, colerico, atroador, feroz, que todos se curvem:

*Joelhai! Rastejai assim como um vinhedo;*
*As cabeças no chão, as faces no lagedo.*
*As barbas a varrer na humilhação do dó,*
*Os degraus do seu trono, a terra, o lixo, o pó.*

E' grandiosamente soberbo!

No quarto e ultimo acto, a furia da vingança finou-se e sobreveio a calma e a saudade amarga da ventura extinta.

Pedro rodeia o tumulo que guardam os restos da sua bem amada. Ha oficios e canticos religiosos, pairando na sala um misticismo que nos envolve e subjuga. Como aquele coração fala ao coração inerte e frio da sua Inês! Que enternecedoras palavras, que amor imenso, que dôr terrivel!

O' minha amiga! E' nesta altura que irrompe em lagrimas abundantes todo o tormento que me esmagava o coração. A atribulação daquela alma dorida, torturada por a maior das dôres, ali presa, subjugada, junto ao tumulo daquela que tanto amára!

Deita-se junto dele e exclama, afagando a pedra tumular:

*Como seria bom adormecer de vez,*
*Sonhar, a vêr-te sempre: Inês, Inês, Inês!*

Mas eu escrevi já uma infinidade de folhas de papel e não posso mais. Estou doida! Desculpa-me a divagação, porque sou agora a primeira a reconhecer que me alonguei demasiado, enlevada nas scenas da magnifica obra do nosso grande poeta e dramaturgo, Marcelino Mesquita. Se sou assim, é tudo me sensibilisa...

Os meus respeitos a teus paes, a teu primo, e... não digo ainda... com uma infinidade de beijos, crê-me

Tua verdadeira amiga
do coração

Aveiro, 13—9—1916.

E. de M. C.

## "O Novo Mundo,,

—(*)—

*Em scena no Eden-Teatro, é uma revista modêlo e o maior exito do genero nos ultimos anos*

—(*)—

Poucas vezes se terá registado em teatros portuguêses um acolhimento tão entusiastico e brilhante como o que o publico acaba de fazer, no Eden-Teatro, de Lisboa, á revista em 2 actos e 8 quadros *O Novo Mundo*, original dos aplaudidos, experimentados e festejadissimos escritores Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos, musica dos distintos maestros Alves Coelho e Wenceslau Pinto. Póde afirmar-se que a representação da interessante e graciosa revista constituiu um grande triunfo. *O Novo Mundo* é uma revista modêlo, com graça, sem pornografia, com elevação, um *quê* de espiritualisação que a leva a distanciar-se infinitamente das revistas grosseiras, que felizmente vão sendo relegadas ao esquecimento. A nova peça distingue-se por um côrte feliz, por um desenho geral de figuras e de quadros em que se sente uma leve e fecunda inspiração. Impõe-se pelo requinte de beleza artistica, por certos motivos nacionais explorados com rara felicidade, pelo espirito e vivacidade que enche as suas diversas scenas. Nada lhe falta, sob o ponto de vista tecnico, desde a nota galante e delicada dos quadros de fantasia até ao traço pitoresco das scenas de um comico irresistivel. Ha harmonia, bom gosto, e tudo delicia os olhos e ouvidos do espectador. Para a impressão agradabilissima do conjunto concorrem ainda: o brilho de uma interpretação primorosa, em que se destacam os aplaudidos actores Nascimento Fernandes e Rafael Marques, nos engraçados *compères*, Estevam Amarante que tem uma notavel criação no carroceiro *Ganga*, Antonio Gomes, Amadeu Ferrari e Alvaro Cabral, e as festejadas actrizes Amelia Pereira, Irêne Gomes, Julieta Soares, Ema de Oliveira, etc.; a frescura do corpo coral composto de 36 bonitas raparigas que animam a peça; o luxo do guarda-roupa e do scenario e a originalidade da encenação, que é uma verdadeira maravilha de movimento e de côr. *O Novo Mundo* é, pois, um espectaculo ideal que nem mesmo nos teatros de Paris é facil de topar todos os dias. Quem fôr a Lisboa não deve deixar de ir vêr a bela revista, tanto mais que o Eden-Teatro, na Avenida da Liberdade, é, com as suas elegantes e confortaveis dependencias, a que estão anexos os grandes salões do Palacio Foz, o teatro especialmente destinado aos espectaculos por sessões.

# Pró Moçambique

**Para honra da Republica, triunfe a justiça! Acabe-se o favoritismo e sindique-se o capitão-mór de Marouril e destrone-se!**

—

Aqueles oprimidos que, num denodado patriotismo, procuraram levantar o estandarte do triunfo da justiça naquelas remançosas paragens, escrevem-me relatando-me: *O nosso sultão cá continua no covil, com o mesmo favoritismo que antes. Isto é deles; que se governem. Eu não tenciono já mais incomodar-me.*

E' uma prova que esse prevaricador continua vagueando nas ondas da impunidade agarrado á presa a das de mais responsabilidade e a das mais rendosas do continente fronteiro, quando á luz da publicidade surgiram acusações gravissimas firmadas nos jornaes coloniaes, *Os Simples*, a *Republica* e o *E'cos de Moçambique*, contra esse magnate que de tacanho passou a Grão-Senhor mas a grão-Senhor da vilania e do despotismo. Perseverando, para honra da Republica, sendique-se o caso monstruoso e exautore-se o delinquente, pois em vista do seu vergonhoso passado é um crime deixa-lo exercer um cargo administrativo como aquele que exerce; é provocar a descrença daqueles que gritam: abaixo os favoritismos! Triunfe a justiça! Estes brados bem sabemos nós que se apagam no espaço como bolas de sabão, mas continuamos bradando contra essa engrenagem social da querida Patria que ainda está tão desconchavada, tão falta de limpeza e tão acomulada de porcaria, que nada limpa radicalmente. Para uma cura completa era destronar esses parasitas e faze-los prestar contas á justiça. Agora deixarmo-nos tombar num charco de lôdo e lama como goso de melhor delicia, pouco nos importando com as patifarias que campeiam livremente, é degenerarmos o sangue luzitano, é procurarmos lançar-nos num despenhadeiro que eles nos querem apontar.

*Padre Mestre*

## ADESÕES E PROVIDENCIAS

—(*)—

Transcrevemos do *Povo de Cambra*, ultimo numero:

O *Democrata*, de Aveiro, lá nos trouxe outra vêz nos dentes no penultimo numero, transcrevendo e comentando as nossas locais—*Adesões e Providencias*—do nosso antepenultimo. Obrigados.

Sobre adesões, mantemos a nossa opinião de que predomina o ideal... da barriga, e de que a Republica foi invadida pelos respectivos e mais que emeritos partidarios daquela politica, estando sujeita a ser comida, pela mesma regra que a monarquia foi corrompida, sem possibilidade de salvação, visto que está nas garras da mesma gente, com pequenas excepções, sem que se tenham tomado as necessarias medidas profilaticas para a poupar das suas incomparaveis sangue-sugas.

Conseguiram pôr á margem muitos dos que arriscaram a vida pela sua implantação e a jogam hoje, a cada momento, em sua defeza, e usurparam em bréves dias os logares de confiança de que são indignos, tendo hoje debaixo das suas patas, a sofrerem represalias, os historicos e os sincéros republicanos! Brada aos céus!

Pedimos providencias e exigimos que elas sejam dadas porque não admitimos que um nosso correligionario só seja nosso correligionario em Lisboa, seja aqui reaccionario, acolá evolucionista e além o que mais lhe convem para estar na graça de todos os deuses... Ou, ou...

Não podemos consentir que nos prejudique politicamente a favor da reacção um individuo que se diz democratico e que nesta qualidade ocupa um logar de alta confiança do regimen e podia e devia auxiliar-nos.

A continuarmos democraticos, exigimos que nos respeite, que não nos prejudique a favor do inimigo politico, do inimigo da Republica e da Liberdade. Seja pai ou seja tio, coloque-se cada um no seu campo politico, com lealdade para os seus partidarios.

Mancomunações, de que só pódem advir traições, não as admitimos, porque tambem não as fazemos com ninguem para efeito nenhum. Sômos democraticos, com democraticos nos entendemos e como democraticos nos aguentamos no balanço, sejam quais forem as alterações do oceano politico.

O nosso colêga, como se vê, diz a verdade e defende a bôa doutrina. Vai bem nesse papel por nós já de ha muito reconhecido o unico compativel com a moralidade e defêsa do regimen.

Se não fôr assim, que grande calamidade para este país onde o egoismo, o interesse sordido pairam acima de tudo!

Que grande calamidade e que grande desilusão.

## Os sinos

—(*)—

Escrevem-nos:

O seu jornal condena o uso exagerado dos sinos. Tem razão em parte e está nas mãos dos republicanos regulamentarem o toque deles. Ha as cultuaes que superintendem neste genero de musica e então é proibir o dobre a finados que só serve para horrorisar e nada mais. Quanto a repiques, os sinos são a alegria dos povos. Pois se já em Aveiro se fez uma festa republicana que apenas constou de repique de sinos ao almoço, repique ao jantar e repique á ceia!... Já vê que os repiques ainda teem vantagem.

Guerra, só guerra, por tanto, aos sinaes e creia que a sua supressão não produzirá agitações como ultimamente a lei da pena de morte. As pieguices só abundam para os lados de Lisboa... Insista, pois, na proibição dos sinaes que presta um bélo serviço a todos aqueles que teem a infelicidade de ouvirem tal musica nas ocasiões de maior tristeza na vida.

*Um assiduo leitor*

Não é só de agora o nosso protésto contra o uso e abuso dos sinos. Vêm de ha muito, vem de longe. Já antes do advento da Republica nós nos insurgiamos com o insolito procedimento das autoridades consentindo que os sacristães e o Miguel da câmara nos atormentassem o *bicho do ouvido* muitas vezes pelo simples prazer de conservarem o badalo entre as mãos. Nunca fômos atendidos. Neste país, e designadamente na cidade de Aveiro, tudo quanto seja de interesse público é proibido atender-se. Ou não ha vagar ou são coisas de lana caprina em que não vale a pena mecher. Contudo, insistimos. A Lei da Separação não permite que os sinos toquem senão em determinadas condições e durante o tempo por ela marcado. Cumpra-se a lei! Respeite-se o que está estatuido porque é essa uma obrigação de todos—governantes e governados.

Mas se não querem assim, badalem, badalem os srs. sacristões que a cova abre-se...

*O* **Democrata** *é o jornal republicano de maior tiragem e circulação e* **mais barato** *que se publica na séde do distrito de Aveiro.*



## TEATRO AVEIRENSE

Realizáram-se nas noites de segunda e terça-feira desta semana as duas récitas anunciadas pela Companhia do Teatro Nacional em *tournée* pela provincia.

No primeiro espectaculo tivémos *O Correio de Lião* que se não recomenda e assim o pano desceu sobre alguns quadros sem um unico aplauso dos espectadores, que mostraram dessa maneira o seu descontentamento.

Fóra da época e moldado em factos inverosimeis, não prende a atenção nem disperta interesse.

A escolha da peça foi infeliz e desacertada; mas em compensação tivémos na exibição de *Pedro, o cruel*, um desses espectaculos que se não apagará tão cedo da memoria dos que a ele poderam assistir.

Peça belamente urdida, em verso brilhante, Marcelino de Mesquita, o glorioso dramaturgo, conquista nova vitória com a sua explendida e ultima produção que arrancou salvas continuas de palmas, comovendo intensamente a plateia.

Carlos Santos, o insigne artista, que é, afinal, a alma de toda a peça, viu coroado com o mais vivo e merecido louvor o seu extraordinario trabalho de intensa violencia, ouvindo em todos os actos o aplauso unanime dos espectadores nas constantes chamadas que se seguiam ao terminar os quadros. De resto, o conjunto é excelente e *Pedro, o cruel* ficará por largo tempo vincado como uma das melhores peças teatraes que aqui teem sido representadas.

No segundo dia, ao abrir o espectaculo, houve um incidente que convem se não repita, o que bem facil é: limitar a venda de bilhetes á restricta lotação da casa.

Não se fez desta vez assim e para as galerias foram vendidos 83 logares a mais o que resultou uma aglomeração perigosa e sufocante de espectadores naquele logar, erguendo alguns deles justificados protéstos que a Companhia empresaria velo atenuar com a infeliz e descabida desculpa de que com ela tinham instado para que esses bilhetes fossem vendidos, declarando os compradores que se sujeitariam ás consequencias que de tal facto viessem a surgir. E os outros, os que compraram os seus bilhetes primeiro, não tinham obrigação de exigir as comodidades relativas a que o pagamento deles lhes dava direito? Certamente. Mas muito benigno foi o público, que deu um salutar exemplo de prudencia, sugeitando-se á situação torturante a que esteve obrigado durante umas poucas de horas. Muito benigno e muito tolerante, visto que o abuso atingiu o maximo e era desculpavel admitir-se, atendendo ao interesse que havia de assistir á representação do réclamado drama historico.

Tanto á Direção do teatro como á autoridade administrativa compéte evitar que outro tanto suceda no futuro, a menos que julguem os espectadores obrigados a aguentar, sem protesto, tudo que se afaste do rasoavel.

Mas por isso é que nós não ficámos.

## EPISODIOS RELIGIOSOS

—(*)—

Sentei-me á meza para descrever mais algum episodio religioso que tenda a arreigar no nosso espirito a ideia da religião cristã, sobre todas as outras. Vejo-me embaraçado, não por falta de assunto que, infelizmente, para as devotasinhas e *Palmas* é inexgotavel, mas por não saber por onde principiar. Não sei, francamente, se deva descrever a *Cruz Peitoral* que enfeita um peito de mulher da alta estirpe, se contar-lhes a historia que aconteceu comigo e uma *loira de olhos azues*, da plebe, que fez a felicidade de certo padresinho que a namorou, que a retirou da vida publica, sem a ter levado para a privada, e a nomeou esposa, ou como tal ao abrigo das leis canonicas actualmente em vigor. Estou certo de que se o Padre Santo soubesse, viria de Roma aqui... mas porque não hão-de eles ir de vez em quando a Roma? A' face da igreja todos sômos iguais e todos sômos irmãos, filhos de um mesmo pae—o Pae do Ceu. Por-

tanto, Egualdade e Fraternidade. E Liberdade tambem há?

Depois do que vimos a descrever desde maio até agora, parece poder dizer-se que até ha de mais. E querem os catolicos tanto mal á Republica! Mas deixemos a questão politico-religiosa para tratarmos de questões puramente religiosas. Diziamos mais acima não saber qual dos assuntos preferir para hoje; julgo mesmo que em nenhum deles tocarei. Reservo-os para uma das proximas semanas.

Hoje, vivamente impressionado com a romaria da Senhora das Dôres, não posso deixar de falar nela. São testemunhas do que eu vou contar os milhares de pessoas que pela estrada de Ilhavo foram a Verdemilho. Muita gente pela estrada, muita gente na quinta dos Tavares, fogo preso e fogo solto de magnifico efeito, muito recomendado para o desenvolvimento dos musculos da face pelo exercicio constante e violento que faziam nos—*Ah!*—exclamativo correspondente a um desenho variado e multicolor que se via no espaço. A acção da intensa luz do magnesiun que ardia, não nos cegou inteiramente e na volta, como no outro dia de tarde, vimos espectaculos os mais deprimentes para a sociedade.

Na primeira bifurcação da estrada passava uma mulher atacada de mil doenças. De joelhos, por detraz dela, estava uma outra que presoutava entre as madeixas oleosas a lendeasinha. Mais adiante, iluminado por um gazometro, via-se o tronco de um homem que nascia de uma valeta, sem membros, disforme, um horror! Não poderiam as devotas em vez de contribuir para a cêra, faze-lo para o sustento e desaparição da vista de todos das imperfeições da natureza? Mais além, todo ele uma chaga, soltava ais de profunda dôr; eram os restos de um homem que devia estar em uma casa apropriada mandada fazer pela igreja, dos seus rendimentos de bulas. Sempre era mais bonito dizer-se: —a sr.ª D. A. C. deu 100$00 para a casa dos pobres, do que: comprou uma imagem para a igreja de Santo Antonio por igual preço.

E tu que dizes a isto, ó *Palmasinho*?

Falo bem ou falo mal? Anda maroto que tens descançado.

**Quim & Necas**

## Romarias

Foi extraordinariamente concorrida, este ano, a da Senhora das Dôres de Verdemilho, calculando-se numas poucas de dezenas de milhares o numero de pessoas, a maior parte das quaes vindas de fóra, que assistiram á vespera e que se espalharam durante toda a noite pela vasta quinta dos nossos amigos Lebres, onde a Virgem tem a sua capela desde remotos tempos.

Tanto o fogo como a iluminação foram muito apreciados, contribuindo ainda para o brilhantismo da popularissima festa, a noite, que, luarenta como se apresentou, deu logar ao aumento da grande quantidade de romeiros que é de uso juntarem-se em Verdemilho naquele dia.

As botequineiras, as casas de pasto, as tendeiras, os vendedores de melancias e as floristas, fizeram um alto negocio, dizendo-nos alguem, que de perto se entreteve a observar tudo e é frequentador, ha muito, do arraial, que não se lembra de o vêr tão animado e cheio de atrativos como este ano.

Se *tristezas não pagam dividas*...

* * *

Tambem na Gafanha se festejou em eguaes dias a Senhora da Encarnação ou *Senhora da Maluca*, indo ali muitos banhistas da Costa Nova, cuja praia lhe fica fronteira, separada apenas pela vasta ria que constitue um dos encantos mais apreciaveis daquela estancia balnear.

Aqui notou-se muito a falta do *magnifico* café *de assobio*, tanto da predilecção do nosso amigo Francisco Costa, que, decerto, não o tem em Loanda tão bom e... tão aromatico...

* * *

Na Costa Nova do Prado fazem-se os preparativos para que a festa á Senhora da Saude, no dia 24, revista desusado brilho, trabalhando já nesse sentido o activo negociante ali estabelecido, sr. Cipriano Mendes.

O fogo da vespera será confeccionado por um dos mais conceituados pirotecnicos do distrito, constando-nos que do programa fazem parte outros numeros destinados a chamar áquela praia numerosa concorrencia.

E' esse, pelo menos, o empenho dos festeiros.



## CORRESPONDENCIAS

**Requeixo, 10**

### De passagem...

Referindo-se a padres exilados, diz o apostolo cá da terra:

«... *muitos houve que para não caírem na vergonha de mendigar uma esmola tivéram de se expatriar.*»

Ora sucede que do visinho concelho de Agueda, e do nosso conhecimento, se expatriáram dois padres: o primeiro com muitos bens de fortuna, podendo muito bem abandonar o *oficio*, quando as circunstancias a isso obrigassem; o segundo, se não possue bens de fortuna ou possue pouco, tinha, todavia, elementos de vida a dentro de sua Patria, podendo dizer-se, tanto a respeito destes dois como de todos que se expatriáram, que o seu passo obedeceu a principios politicos e não á espectativa da fome, ou, quando muito, a uma desmedida ambição. Emigraram *muitos*, não sabemos quantos, mas a maior parte por cá ficaram, e alguns tão pobres como Job, não constando que tenham implorado a caridade publica, antes se veem gordinhos que é um louvar a Deus.

O espirito mais tacanho não desconhece que o cronista quer dizer que a Republica foi o diabo para o padre.

Mas em outra *tirada* afirma o patarata que a Lei da Separação foi boa para o padre e má para a Republica. Como diabo póde o *apostolo* harmonisar no seu bestunto duas ideias tão opostas?

Segredos da sua filosofia.

Se não fôra o caso Augusto Maia, estamos a vêr que o homem das pêtas e das contradições teria de esmurrar o nariz nas paredes para dai tirar o pretexto de dizer mal de tudo e de todos. E nem a coragem teve, o valentão, de refutar uma só palavra com que se incensou o regedor de Eirol! E aqui temos mais uma prova, corroborada pelo seu procedimento posterior, do seu dementado proposito.

Pela sombra e não molhe os pés; ou, plagiando A. Herculano: *em paz e ás moscas*.

=Não foi bem recebida nesta localidade, a noticia de irem operarios portuguêses para França.

=Estão quasi concluidas as colheitas denominadas temporãs. Apezar da sua abundancia, o milho continua em preço alto, prevendo-se com bom fundamento que o seu custo, no futuro, hade ser incompativel com os recursos dos pobres.

=Já se trata dos preparativos para a proxima vindima que promete ser mais abundante que a principio se calculou, constando-nos que já se oferece a 1$00 por cada 20 litros do mosto.

Ha razão. As grandes calmas do inverno aconselham a provisão de liquidos.

C.

**Vagos, 12**

O orgão do evolucionismo local festejou ha dias o seu aniversario e teve palavras de muita dedicação para com o sr. dr. Antonio José de Almeida.

Impressionava-nos muito esta demonstração de solidariedade politica, se nós não soubessemos que o grupo evolucionista de Vagos esteve prestes a bandear-se, logo após o 14 de maio.

Os evolucionistas viam o seu partido com poucas probabilidades de constituir governo e quizeram *passar-se* em massa para o democratismo. Nesse sentido chegaram a negociar a traição com dois democraticos. Não sabemos porque motivo se malograram essas negociações, mas podemos afirmar que os evolucionistas não repeliram as propostas, mas até foram os primeiros a fazê-las.

Começaram por oferecer toda a sua votação a um actual deputado e ex-ministro democratico.

E', portanto, fingida a dedicação e a sinceridade dos evolucionistas de Vagos, que atraiçoarão o sr. dr. Antonio José de Almeida logo que as suas conveniencias os obriguem a isso.

Sabemos que a Junta Central do Partido Evolucionista já conhece o facto que apontámos e tem os seus filiados daqui na conta que merecem.

Nunca o evolucionismo local podia ser fiel ao seu ilustre chefe, porque ele é composto por padres reaccionários, por germanofilos e monarquicos.

Foi bom terem-se malogrado as combinações, doutro modo o partido democratico ficaria conspurcado, se eles viessem engrossalo. Não temos falado ha mais tempo neste estranho facto, porque queremos faze-lo em ocasião oportuna, que póde muito bem ser quando os dirigentes evolucionistas se aprestarem para a lucta eleitoral. Então diremos aos verdadeiros partidarios do sr. dr. Antonio José de Almeida quem foram os maraus que quizeram negociar esta negra traição.

C.

# Anuncios